



UFRJ



Faculdade de Letras  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

TRADUÇÃO INCLUSIVA E FEMINISTA EM  
*NOSSOS CORPOS, POR NÓS MESMAS*

Camila Saad Carneiro Cerineu

Rio de Janeiro

2022

CAMILA SAAD CARNEIRO CERINEU

TRADUÇÃO INCLUSIVA E FEMINISTA EM  
*NOSSOS CORPOS, POR NÓS MESMAS*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janine Maria Mendonça Pimentel

RIO DE JANEIRO

2022

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

CAMILA SAAD CARNEIRO CERINEU

DRE: 117036178

TRADUÇÃO INCLUSIVA E FEMINISTA EM  
*NOSSOS CORPOS, POR NÓS MESMAS*

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janine Maria Mendonça Pimentel – Presidente da Banca Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

\_\_\_\_\_ NOTA: \_\_\_\_\_

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. – Paula Tatianne Carréra Szundy  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas das avaliadoras:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

C415t Cerineu, Camila Saad Carneiro  
Tradução inclusiva em "Nossos corpos por nós  
mesmas" / Camila Saad Carneiro Cerineu. -- Rio de  
Janeiro, 2022.  
30 f.

Orientadora: Janine Maria Mendonça Pimentel.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Bacharel em Letras: Português - Inglês,  
2022.

1. Tradução Feminista. 2. Linguagem Inclusiva. 3.  
Feminismos. 4. OBOS. I. Pimentel, Janine Maria  
Mendonça, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

A realização desta monografia não seria possível sem a ajuda e apoio de muitas pessoas. Gostaria de começar agradecendo, primeiramente, à minha família que sempre me apoiou e acreditou em mim. Em especial, quero agradecer ao meu tio, que é uma das pessoas que mais admiro no mundo, por toda a sua história e capacidade de superação na vida. Obrigada por estar presente em todas as épocas da minha vida, obrigada por tanto carinho, amor e cuidado e, principalmente, pelo seu apoio, ele foi e é essencial para mim. À minha tia, que sempre esteve tão presente e que me acolheu desde pequena. É um orgulho poder dividir minha vida com uma mulher tão linda, forte e inteligente. À Flavia, que é sinônimo de felicidade e amor, muito obrigada por encher minha vida com sua alegria, obrigada por tudo, pelo cuidado, carinho, amor, broncas, saídas, lanches e, principalmente, pela amizade. Eu te amo com todo o meu coração. Ao João, que eu admiro imensamente por toda sua inteligência e senso de humor. Você é um exemplo para mim e tenho certeza que será também para o Antônio (obrigada, Antônio, por me ajudar a achar a lâmpada que eu precisava). E, por último, mas não menos importante, ao Leo, que está em meu coração desde que eu me entendo por gente. Obrigada por me acolher. Eu amo muito todos vocês.

Agradeço ao David, o melhor companheiro, por todo o carinho, apoio, compreensão, paciência e amor compartilhados. Obrigada por trazer tanta felicidade e leveza para minha vida, por acreditar em mim mesmo quando nem eu mesma acredito. Eu te amo muito e agradeço todos os dias por nossos caminhos terem se cruzado.

Durante essa longa caminhada na Faculdade de Letras da UFRJ, eu tive muita sorte de conhecer pessoas incríveis que sempre me ajudaram a reforçar meu amor por essa graduação. Quero agradecer à Janine Pimentel, por ser uma ótima professora e orientadora. Obrigada por toda compreensão e ajuda. Também agradeço às pessoas que fazem parte do projeto OBOS, que foi um divisor de águas em minha graduação e em minha vida.

Tenho uma admiração especial por todas as minhas amizades construídas na UFRJ e, em especial, eu quero agradecer à Carla, por ser minha melhor amiga e por me entender quando nem eu mesma me entendo. Você foi um dos maiores presentes que a Faculdade de Letras me deu e eu realmente não tenho palavras para te

agradecer por toda a sua amizade. Obrigada por todo o apoio que você me dá. Eu te amo.

À Marina, à Thuiane e ao Matheus, as amizades que a vida me deu. Amo vocês demais. Já dividimos diversos momentos bons e ruins. Vocês estão sempre em meu coração e em meus melhores pensamentos. Muito obrigada por me colocarem para cima diariamente e em todas as situações.

Obrigada a todos que cruzaram meu caminho e deixaram alguma marca positiva em minha vida. Sou uma pessoa muito sortuda por ter tanta gente boa me cercando.

## RESUMO

Cerineu, C. S. C. **Tradução inclusiva e feminista em *Nossos corpos, por nós mesmas***. 2022. 30f. Monografia (Graduação em Bacharelado em Letras na habilitação Português/Inglês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa tem o objetivo de discutir o projeto de tradução e adaptação, para o português e para o contexto brasileiro, do *best-seller* americano *Our Bodies, Ourselves*, um livro sobre saúde e sexualidade da mulher, publicado na década de setenta nos Estados Unidos. O projeto de tradução e adaptação foi realizado através de uma parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Estadual de Campinas e o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. As etapas de tradução e adaptação foram marcadas por discussões teóricas, a fim de usar uma abordagem inclusiva e feminista da língua. Esta monografia trata das teorias de tradução voltadas para o estudo do papel da pessoa que traduz uma obra e sobretudo dos estudos feministas de tradução. Além disso, trata do fato de a tradução, a revisão e a adaptação do conteúdo da obra sugerirem uma tentativa de quebrar padrões e estereótipos que estão presentes na sociedade misógina em que vivemos. À vista disso, esta pesquisa é sobre um projeto que procura ser uma mais valia para a sociedade, uma vez que cria alternativas para formar uma comunidade mais inclusiva para todas as pessoas. Ainda há um longo caminho a se percorrer no tocante ao uso e aceitação da linguagem inclusiva, mas os avanços já ocorrem ao podermos debater o assunto.

**Palavras-chave:** linguagem inclusiva, tradução feminista, OBOS, feminismos.

## ABSTRACT

Cerineu, C. S. C. **Tradução inclusiva e feminista em *Nossos corpos, por nós mesmas***. 2022. 30f. Monografia (Graduação em Bacharelado em Letras na habilitação Português/Inglês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022.

This research aims to discuss the translation and adaptation project, into the Portuguese language and the Brazilian context, of the American best-seller *Our Bodies, Ourselves*, a book about women's health and sexuality, published in the 1970s in the United States. The translation and localization project was carried out through a partnership between Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Estadual de Campinas, and Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde. The translation and localization phases were marked by theoretical discussions in order to use an inclusive and feminist approach to language. This monograph deals with translation theories focused on the study of the role of the person translating a work and especially feminist translation studies. Furthermore, it deals with the fact that the translation, the revision, and the localization of the work's content suggest an attempt to break patterns and stereotypes that are present in the misogynistic society in which we live. In view of this, this research is about a project that seeks to be an asset to society, since it creates alternatives to form a more inclusive community for all people. There is still a long way to go regarding the use and acceptance of inclusive language, but progress is already being made as we discuss the subject.

**Keywords:** inclusive language, feminist translation, OBOS, feminisms

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO .....	12
1.1 O papel da pessoa que traduz .....	12
1.2 Estudos feministas da tradução .....	15
2 O PROJETO.....	19
3 A LINGUAGEM FEMINISTA E INCLUSIVA EM <i>NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS</i> .....	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
REFERÊNCIAS.....	28

## INTRODUÇÃO

Este trabalho trata do projeto de tradução e adaptação da obra *Our Bodies, Ourselves* (doravante OBOS), para o contexto brasileiro. A obra publicada originalmente na década de setenta, nos Estados Unidos, foi um resultado do trabalho do *The Boston Women's Health Book Collective*, um coletivo que se reunia para discutir sobre o corpo, a saúde e a sexualidade da mulher. O OBOS é por vezes considerado uma “bíblia da mulher” (DAVIS, 2007) por possuir assuntos relevantes e considerados tabus, tais quais reprodução sexual, ciclo menstrual, imagem corporal, métodos contraceptivos, aborto, violência contra as mulheres no Brasil, dentre outros. Considerando que mulheres se empoderaram através do conhecimento sobre seus corpos, vidas e direitos, estes temas tornam-se importantes e atuais para nossa sociedade. O livro possui edições que foram compilando assuntos e questões importantes para a mulher de acordo com cada época de escrita e publicação do livro.

A sua primeira versão em português, *Nossos Corpos por Nós Mesmas*<sup>1</sup>, foi realizada em colaboração com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, de São Paulo. O projeto OBOS começou seus trabalhos em 2020, com a tradução, revisão e adaptação para as mulheres brasileiras. Além disso, o projeto se envolveu em discussões teóricas sobre decisões linguísticas e políticas que precisaram ser tomadas durante as diversas etapas do trabalho de tradução e adaptação.

Na busca por mais inclusão, optou-se por usar uma abordagem feminista e menos sexista da língua, através de adaptações linguísticas, descontinuidade dos estereótipos e desconstrução da binariedade presente tanto na sociedade quanto na língua, como, por exemplo, no uso exclusivo do masculino genérico. Além disso, optou-se por trazer uma linguagem de fácil acesso e entendimento, sendo franca e aberta, com o propósito de provocar um envolvimento com quem estiver lendo a obra.

O primeiro volume de *Nossos Corpos por Nós Mesmas* foi publicado em 2021 e é composto por sete capítulos, a saber: Capítulo 1. Nossos corpos femininos – anatomia sexual, reprodução e ciclo menstrual; Capítulo 2. Imagem corporal; Capítulo 3. Métodos contraceptivos; Capítulo 4. Sexo mais seguro; Capítulo 5. Aborto; Capítulo

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre o livro podem ser obtidas em: <https://nossoscorpos.com.br>. Acesso em: 3 jun. 2022

6. Violência contra as mulheres no Brasil; Capítulo 7. Saúde ambiental e ocupacional. No Brasil, a publicação será feita em três volumes e o segundo e terceiro volumes serão publicados este ano (2022) por uma nova editora.

O desafio foi grande, uma vez que o original está escrito em inglês, língua que não marca os gêneros na maioria de suas palavras, enquanto o português marca quase todas as suas palavras. Por vezes, foi difícil encontrar palavras “neutras” ou mais inclusivas para alcançar a desejada linguagem inclusiva, feminista e acessível em *Nossos Corpos por Nós Mesmas*. A fim de atingir o objetivo de uma linguagem menos binária e mais inclusiva, englobando diferenças raciais, étnicas, de classe e também contemplando a população LGBT+<sup>2</sup>, foram usadas diversas estratégias que serão explicadas e exemplificadas mais adiante neste trabalho, dentre elas o uso de termos mais genéricos, hiperônimos, sinônimos, materiais paratextuais, parênteses, notas de rodapé, a não-tradução e até a tradução literal (TOLEDO *et al.*, 2014; PAS; ZABOWSKA, 2017).

Para chegar nas estratégias de tradução que foram usadas no projeto, foi necessário acessar textos da tradução feminista (CASTRO, 2013; ERGUN, 2013; CASTRO e ERGUN, 2017; PIMENTA e FIGUEIREDO, 2019; COSTA e AMORIM, 2019). Os movimentos feministas foram fundamentais para esses estudos e trouxeram muitas mudanças e reflexões, visto que, além de possuírem em sua fala uma linguagem mais neutra e acessível, consideram a importância da intervenção da voz da pessoa que traduz. Isso posto, para uma linguagem inclusiva na tradução do inglês para o português, é preciso estudar as teorias sobre o histórico da tradução e sobre a tradução feminista em si para poder tomar decisões mais conscientes e informadas.

A presente pesquisa intenta mostrar que uma nova forma de escrever e traduzir pode influenciar em certo enfraquecimento de padrões já estabelecidos e enraizados na sociedade, que é tão machista e binária (CASTRO, 2013; TOLEDO *et al.*, 2014). Este trabalho é composto pela fundamentação teórica, que mostra como o papel da pessoa que traduz foi evoluindo com o passar do tempo (PIMENTA e FIGUEIREDO, 2019; COSTA e AMORIM, 2019). A seguir, são apresentadas ideias, estratégias e

---

<sup>2</sup> Usa-se LGBT+ pois o Especialista em Linguística Queer, Professor Doutor Rodrigo Borba, ao fazer a revisão técnica do capítulo “Identidade de gênero e orientação sexual” nos falou que “No Brasil a forma mais comum é LGBT+. Embora em alguns contextos se use o Q, há muita crítica sobre isso por a sigla em inglês se referir a queer, que não é uma categoria identitária em português.”

teorias/pesquisas dos estudos de tradução feminista (FLOTOW, 2010; CASTRO, 2013; ERGUN, 2013; CASTRO e ERGUN, 2017), delineando uma história dos estudos sobre as primeiras tradutoras a quebrar barreiras misóginas (CASTRO e ERGUN, 2018), passando pelas ondas do feminismo que trouxeram a nomenclatura de “tradutoras feministas” e indo até os dias atuais. Apresenta-se também o projeto OBOS, mostrando como, porquê e por quem foi desenvolvido o trabalho de tradução e adaptação da obra. Na sequência, são dados exemplos de tradução e adaptação, buscando explicar o que motivou cada escolha e qual estratégia foi usada para essa escolha. Por fim, oferecem-se algumas considerações finais sobre o projeto de tradução do OBOS.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta seção, será abordado o papel subjetivo de tradutoras e tradutores. Ademais, serão apresentadas as mudanças que os movimentos sociais que emergiram a partir da década de sessenta trouxeram para diversos campos de estudo, incluindo os da tradução, surgindo, assim, novas perspectivas de pesquisa com a inserção dos estudos de gênero na tradução. As denominadas “tradutoras feministas” do Canadá foram marcantes para este tema. As contribuições e teorias que surgiram da interseção dos estudos de gênero com a tradução foram usadas como base para a tradução, revisão e adaptação de *Nossos Corpos por Nós Mesmas*.

### **1.1 O papel da pessoa que traduz**

A tradução está se tornando cada vez mais importante atualmente, tendo em vista que é um meio de divulgar informações, ideias, crenças e valores. Culturas e línguas moldam a realidade da vida e, conseqüentemente, os pensamentos e ações das pessoas são moldados também. As pessoas que traduzem permitem a comunicação através de fronteiras linguísticas e culturais e podem ajudar a moldar culturas com o auxílio de suas decisões tradutórias (SOUZA, 1998).

Com a alta velocidade e o amplo alcance do acesso à informação na era tecnológica e da globalização, traduções passaram a ser mais difundidas e,

consequentemente, analisadas. Dessa forma, o papel da pessoa que traduz e as traduções passam a ser analisadas por leitoras e leitores distintos e também pelos Estudos da Tradução (PIMENTA e FIGUEIREDO, 2019).

A preocupação destes estudos com a pessoa que traduz é um fenômeno relativamente novo, surgindo apenas nos anos noventa, quando trabalhos como *The Translator's Turn* (1991), de Douglas Robinson, e *The Translator's Invisibility* (1995), de Lawrence Venuti, marcaram o caminho para o reconhecimento de sua importância no processo de tradução. Recentemente, a pessoa que traduz tem sido cada vez mais considerada como uma variável de tradução digna de pesquisa. Esta conquista pode ser vista como o resultado de um longo processo. Nas últimas décadas, o foco dos estudos de tradução foi gradualmente mudando do texto para a pessoa que faz a tradução.

Pode-se pensar, de acordo com Costa e Amorim (2019, p. 1229), que “o texto traduzido será consequência de uma interpretação do sujeito e, portanto, uma transformação”, além disso, “o ato tradutório também não pode ser encarado como objetivo, mas como resultado de uma subjetividade inerente ao/à tradutor/a.” Essas transformações podem ser de certa forma controladas pelo texto original, mas, ainda assim, acontecem de acordo com o grau de intervenção da pessoa que está traduzindo um texto, por meio de uma subjetividade.

Dessa forma, o papel da pessoa que está traduzindo uma obra é de extrema importância. De acordo com Costa e Amorim (2019, p. 1230): “O papel do/a tradutor/a, apesar de muitas vezes apagado ou desvalorizado, é fundamental nesse espaço de troca entre culturas e realidades que podem ser bem distintas.” É possível, então, ver a pessoa que traduz tal qual um sujeito possuindo presença no texto traduzido por meio de sua subjetividade.

Para mostrar na prática a influência que uma tradutora ou tradutor podem ter em uma obra, a pesquisadora Marina Waquil (2014) identificou três formas de intervenção realizada pela pessoa que traduz por meio de notas tradutórias:

- 1) fazer referência ao tempo de escrita do original, explicando alguma questão, termo, costume da época;
- 2) explicitar alguma referência do texto que seja opaca para o leitor, na opinião do tradutor;
- 3) explicar ao leitor alguma opção própria de alguma escolha feita pelo tradutor (WAQUIL, 2014, p. 87).

Por meio dessas intervenções, a pessoa que traduz foi reposicionada de mera agente para sujeito, se colocou ativa no texto, fazendo comentários e explicando/justificando suas escolhas para a pessoa que vai ler o texto traduzido. Ou seja, a pessoa que traduz fala diretamente com as leitoras e os leitores. (WAQUIL, 2014).

A subjetividade ligada ao ato tradutório bem como a voz da pessoa que traduz um texto, trazendo os seus próprios pontos de vista, julgamentos e sentimentos, passou a ser cada vez mais ativa com a evolução dos Estudos da Tradução (WAQUIL, 2014). De acordo com Pimenta e Figueiredo (2019, p. 41),

é imperioso reconhecer que a tradução envolve basicamente três elementos interacionais interdependentes e indissociáveis, a saber: o autor, o texto e o leitor. Em outras palavras, ao formular um texto a partir do seu original, o tradutor deve levar em consideração quem o produziu, a forma e o conteúdo da produção e qual será o público que desfrutará dessa tradução. Trata-se, portanto, de um processo complexo que implica escolhas fundamentadas nas características extrínsecas e intrínsecas dessas três instâncias.

Tendo em vista os três elementos citados por Pimenta e Figueiredo (2019), pode-se ter uma melhor noção de que uma substituição linguística não cabe mais nesse processo tradutório que é tão cheio de problemáticas e trabalho, tal como no processo original de escrita. É preciso pensar nas implicações sociais e culturais do texto original, na tradução propriamente dita e nas marcas que se deseja deixar no público-alvo da mensagem.

Segundo Morinaka (2020), não se deve esquecer que o próprio ato de tradução é, muitas vezes, uma declaração política. As pessoas se abrem para outra cultura, adotam elementos dela e possivelmente deixam de lado seus próprios valores e normas predominantes. Diversos fatores, como a personalidade da pessoa, sua relação cognitiva e emocional com o texto traduzido e sua capacidade de identificação com a mensagem, provam ser cruciais para o processo de tradução. Esses fatores cruciais podem ser vistos no projeto OBOS a partir das escolhas tradutórias que serão apresentadas nas próximas seções.

## 1.2 Estudos feministas da tradução

O desenvolvimento dos Estudos Feministas de Tradução foi essencial para o reconhecimento da desigualdade existente entre mulheres e homens por meio da língua e dos textos.

Uma entre as inúmeras contribuições de mulheres ao longo da história surgiu sob o nome *écriture au féminin* ou *women's writing*, um grupo de escritoras canadenses críticas ao modelo dominante de escrita e pensamento que favorece a discriminação de gênero. A teórica da tradução, Luise Von Flotow (2010) fala sobre esse movimento das mulheres no campo da tradução. Exaltar originais e traduções de mulheres está se tornando cada vez mais importante, na medida em que representa uma forma de quebrar os padrões misóginos da sociedade.

Através de suas pesquisas, Luise Von Flotow mostra que que as mulheres e outras "minorias de gênero" sempre foram excluídas ou apresentadas negativamente nos mais diversos textos e representações ao redor do mundo, tanto na questão da autoria quanto na questão da tradução em si. A perspectiva de gênero pode levar a uma revisão de textos históricos, suas traduções, autores, tradutores, contextos sociopolíticos e influências ou efeitos (FLOTOW, 2010, p. 130).

Em seu trabalho *Gender in Translation*, Flotow fala sobre como as discussões de gênero entraram no campo dos Estudos da Tradução como uma categoria analítica no final da década de 1980. A autora relaciona esse fato às manifestações diferentes de feminismo durante os anos sessenta e setenta. Ao longo dos anos noventa, o termo "gênero" adquiriu significados mais amplos, integrando questões levantadas pelo ativismo gay, a teoria *queer* e ideias sobre a performatividade discursiva de gênero (FLOTOW, 2010, p. 129).

Pensando nessas novas perspectivas que surgiram a partir das reivindicações desses movimentos sociais, no campo linguístico e no tocante à tradução, as tradutoras canadenses das décadas de setenta e oitenta foram cruciais para as abordagens feministas aplicadas à tradução. Barbara Godard (1986), Lori Chamberlain (1988), Susanne de Lotbinière-Harwood (1991), Sherry Simon (1996) são alguns nomes importantes nessas abordagens feministas.

Cabe ressaltar aqui que as tradutoras canadenses dessas épocas não foram exatamente as primeiras tradutoras a pensarem na tradução buscando quebrar o padrão notadamente misógeno da sociedade e nem a refletir sobre o papel da mulher

nesta e na tradução. A tradutora Giuseppa Eleonora Barbapiccola fez uma tradução da obra *Principia Philosophiae*, de Descartes, para o italiano no século XVIII. Barbapiccola usou o prefácio da obra e notas explicativas para enfatizar que as mulheres não são seres inferiores aos homens (COSTA e AMORIM, 2019, p. 1231). Além dela, tem-se Carmen de Burgos, que traduziu a obra *Über den physiologischen Schwachsinn des Weibes*<sup>3</sup>, de Julius Moenius, para o espanhol no século XX. De acordo com Castro (2011, p. 112), “a intenção de Burgos não era, obviamente, contribuir para a disseminação das ideias misóginas do original, mas usar a tradução como um instrumento para refutá-las.”.

Outras tradutoras, inclusive brasileiras, como Nísia Floresta, foram fundamentais para os movimentos feministas, como apontam Costa e Amorim (2019). Deste modo, tem-se tradutoras que procuravam subverter a lógica misógina mesmo antes das tradutoras canadenses, porém, eram movimentos mais difusos e sem uma unificação e nomenclatura. O grupo das “tradutoras feministas” de Quebec trouxe essa unificação e nomenclatura, por isso, passou a ser visto como um movimento pioneiro nos Estudos da Tradução. As tradutoras feministas canadenses começaram, na segunda onda do feminismo, um trabalho radical de produções experimentais a fim de tentar evitar e, conseqüentemente, desconstruir a tradicional linguagem misógina e binária. Produções e estudos advindos da teoria feminista de tradução no Canadá possuem um valor inestimável, entretanto, projetos mais moderados de tradução inclusiva são mais aceitos na época atual. Nas palavras de Castro (2017, p. 238):

E, se durante anos concebia-se uma linguística feminista da segunda onda (que as tradutoras canadenses aplicavam e tinham à sua disposição), agora se torna mais produtivo que, a partir dos ET (Estudos da Tradução), valorizem-se as renovadas possibilidades de análise que oferece a “*third wave feminist linguistics*” proposta por Mills (2003 e 2008).

Dessa forma, as propostas moderadas da terceira onda da tradução feminista, como a citada por Olga Castro (2013), por exemplo, de não usar uma linguagem inclusiva quando o texto a ser traduzido defende valores opostos ao da inclusão, é mais moderada do que a proposta das tradutoras canadenses, que usavam “*womanhandling*” e “*hijacking*” (FLOTOW, 1991) para mudanças radicais em textos misóginos e patriarcais, quase que “roubando-os” para si e os reescrevendo de forma mais inclusiva e não binária (CERINEU; FERENZINI; PIMENTEL, 2021, p. 3). Essas

---

<sup>3</sup> Sobre a imbecilidade fisiológica das mulheres.

adaptações radicais ou inserções estão presentes nas notas de rodapé, prefácio ou até mesmo entre parênteses. À vista disso, a posição da autora do texto alvo é visível em relação ao de origem.

Os estudos da tradução e da tradução feminista foram avançando de acordo com a história do mundo e seus movimentos sociais e culturais, acompanhando e adaptando-se às mudanças. Segundo Costa e Amorim (2019, p. 1230-1231),

Nesse espaço entre as culturas e as identidades no qual a tradução e o/a tradutor/a se enquadram, as práticas feministas de tradução reconhecem o papel ativo transformador do sujeito, buscando justamente refletir sobre as formas de transformação que devem ou não ser aceitas como válidas.

A ideia de validade aqui tem a ver com as transformações possíveis de serem feitas em um texto, uma vez que, como mencionado, as intervenções radicais introduzidas pelas tradutoras canadenses não são aceitas hoje. Essa atual não aceitação ocorre uma vez que:

Ao longo das últimas décadas, esse legado, necessário, mas essencialista, deu lugar, então, a propostas mais moderadas e/ou maduras na interseção entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero e que parecem ser mais aceitas atualmente em várias partes do mundo (CERINEU; FERENZINI; PIMENTEL, 2021, p. 3)

É importante enfatizar a importância das tradutoras canadenses como pioneiras no estudo da tradução feminista e das questões de gênero na tradução. Contudo, esses estudos e contribuições não englobam totalmente todas as mulheres e suas diversas diferenças de etnia, classe, dentre outras diferenças, já que criavam generalizações que não são frutíferas para a causa feminista. O feminismo atual versa mais sobre aceitação sem generalizações que possam, de alguma forma, segregar uma pessoa.

Como evidência dessa crescente importância dos estudos de gênero na tradução e da criação de uma linguagem mais feminista e inclusiva, propostas práticas – e moderadas – de tradução feminista e inclusiva estão surgindo através de pesquisas com o objetivo de imprimir na língua uma quebra dos padrões misóginos ainda tão presentes na sociedade.

Um exemplo de pesquisa que foi amplamente utilizada e discutida no processo de tradução e adaptação de *Nossos Corpos por Nós Mesmas* foi a de Pas e Zaborowska (2017), na qual as pesquisadoras defendem o uso de materiais paratextuais, técnicas de suplementação, como as notas de rodapé e o uso de

parênteses, e estratégias de intervenção, tal qual o uso da tradução literal ou até da não-tradução com o objetivo de chamar a atenção na hora da leitura para criar um efeito na pessoa que está lendo o texto.

Foram também consultados diversos manuais de linguagem inclusiva, a exemplo, o “Manual para uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem se entende<sup>4</sup>”, da Secretaria de Comunicação e Inclusão do Governo do Rio Grande do Sul, o “Manual de Comunicação LGBTI+<sup>5</sup>” elaborado pela Aliança Nacional LGBTI. Esses manuais possuem sugestões de termos que incluem mulheres, a população LGBT+, etnias diversas e pessoas com deficiência.

Os manuais são ótimas fontes para incentivar um olhar novo perante a linguagem e as pessoas que são apagadas e esquecidas por ela. Todavia, esses manuais não dão conta de todas as mudanças e substituições que devem ser feitas na língua para se obter uma linguagem mais inclusiva. Esses manuais propõem algumas mudanças na forma de escrever: trocar adjetivos por substantivos – usar “beleza” e não “bonita”; passar a usar o feminino em profissões que historicamente são escritas apenas no masculino – o uso de “a presidenta” para se referir à primeira Presidente da República do Brasil, Dilma Rousseff; usar o feminino e o masculino – “funcionárias e funcionários” para evitar o uso do masculino genérico; usar substantivos que se referem às “instituições” e não às pessoas que fazem parte delas, preferindo “a população brasileira” e não “os brasileiros” e optar por usar nomes próprios sem usar os artigos definidos antes, como em “Juliana e Roberto” e não “a Juliana e o Roberto” (TOLEDO *et al*, 2014).

Outra proposta que também foi discutida é a inclusão de “-e”, “-x” e “-@” no final de substantivos e adjetivos como uma estratégia de neutralização do gênero gramatical. Essa prática é muito controversa socialmente e ainda deve ser mais estudada, considerando que limitam a oralidade, não sendo plenamente satisfatórias para a estrutura da língua (PESSOTTO, 2019). Consequentemente, “-e”, “-x” e “-@” não foram usados em *Nossos Corpos por Nós Mesmas*.

---

<sup>4</sup> Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf). Acesso em: 15 jul. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

## 2 O PROJETO

Escolher traduzir e adaptar especificamente o livro OBOS ao contexto brasileiro usando uma linguagem feminista, não sexista e inclusiva foi uma decisão política e ideológica por parte da equipe do projeto. Tomou-se a decisão de trazer um texto essencialmente feminista e fazer com que ele seja mais inclusivo e acessível. Tal decisão corresponde a uma posição “moderada” como aquela mencionada na seção anterior, uma vez que o projeto divulga um texto feminista e não um texto misógino.

Tendo em consideração que o livro fala muito sobre saúde, ele possui diversos termos médicos e hospitalares que não são simples de serem traduzidos e até adaptados. Dessa forma, a parceria com o Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde foi extremamente importante. O coletivo paulista realiza, desde 1981, trabalhos ligados à saúde e sexualidade da mulher, com atendimentos de saúde, atendimento jurídico, minicursos, rodas de conversa e textos de conscientização que são publicados no blog do Coletivo<sup>6</sup>.

O processo de tradução foi, então, dividido entre as equipes da UFRJ e da Unicamp em 2019. A equipe de cada faculdade conta com docentes e discentes da graduação e da pós-graduação. Durante o processo de tradução, foram surgindo dúvidas e questionamentos quanto às terminologias a serem adotadas. Essas questões foram sendo discutidas com o time inteiro durante todo o processo, a fim de se obter um trabalho final mais homogêneo e inclusivo. Dúvidas quanto a usos linguísticos surgiram e foi preciso consultar especialistas da área da saúde – como as médicas e/ou obstetrias do coletivo de São Paulo e pesquisadoras e profissionais de saúde da Universidade de São Paulo – pessoas trans, pessoas que pesquisam a teoria *queer*, linguistas, dentre outras pessoas qualificadas a esclarecer certos tópicos específicos. A partir disso, foram criados glossários para cada tema que podiam ser consultados pelas pessoas que estavam traduzindo cada capítulo. Além dos glossários, a equipe elaborou coletivamente um guia de estilo, que buscava padronizar questões como: o uso, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de letras maiúsculas e minúsculas, o uso de números por extenso ou não e até o uso de símbolos, como o da porcentagem “%”.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.mulheres.org.br/blog>. Acesso em: 10 jul. 2022

Surgiram discussões acerca da questão de escolha linguística para garantir uma abordagem mais inclusiva e também acerca das questões envolvendo as diferenças entre o inglês e o português – que serão abordadas na próxima seção desta monografia – e envolvendo a adaptação ao contexto brasileiro.

Sobre a questão da adaptação, cabe ressaltar que esse foi um trabalho complexo, uma vez que a realidade americana é bem diferente da realidade brasileira no que diz respeito a órgãos públicos, leis, procedimentos hospitalares, medicamentos disponíveis, questões raciais e culturais, moeda, história e outros aspectos diversos. Um exemplo disso é a questão do aborto: o original falava sobre o aborto legalizado, indicando acompanhamento psicológico para as mulheres e falando sobre as clínicas regulamentadas pela lei para esse procedimento. No entanto, no Brasil, o aborto só é permitido em casos de estupro, risco à vida da mãe ou em casos de anencefalia. Portanto, houve a necessidade de adaptar as partes que falavam sobre o trâmite para fazer um aborto nos Estados Unidos. Pode-se ver uma adaptação na prática em:

Texto original: *Almost half (49 percent) of all U.S. pregnancies are unintended.*

Tradução literal: Quase metade (49%) de todas as gestações nos EUA são não planejadas.

Texto adaptado para o contexto brasileiro: No Brasil, aproximadamente 55% das gestações não são planejadas (PNA, 2016 e Fiocruz 2015).<sup>7</sup>

Além disso, precisou-se adaptar as partes que mencionavam referências históricas americanas ou indicações de leituras em inglês, substituindo-as por referências mais inseridas no contexto brasileiro e leituras disponíveis na língua portuguesa.

É importante mencionar que alguns capítulos foram pensados podendo possuir duas versões, uma adaptada ao contexto brasileiro e outra com a tradução literal. Desse modo, falantes da língua portuguesa que estão fora do contexto brasileiro e inseridas no contexto americano poderiam desfrutar dos conhecimentos do livro da mesma forma.

Na próxima seção, as teorias e estratégias mencionadas no referencial teórico serão apresentadas sendo usadas na prática, através de exemplos reais de tradução

---

<sup>7</sup> Exemplo extraído do capítulo “Aborto”, traduzido por Laís Ferenzini, Nathália Galvão e Beatriz dos Santos. Revisado por Raphael Ferreroni e Janine Pimentel. Revisão técnica: Ellen Vieira, Luiza Cadioli e Letícia Ueda Vella.

e adaptação da obra, além de alguns apontamentos feitos durante as revisões técnicas realizadas por especialistas da área da saúde, pessoas trans, pessoas que pesquisam a teoria *queer*, linguistas, dentre outras pessoas qualificadas a esclarecer certos tópicos específicos.

### **3 A LINGUAGEM FEMINISTA E INCLUSIVA EM *NOSSOS CORPOS POR NÓS MESMAS***

O processo de tradução, revisão e adaptação utilizando uma linguagem inclusiva e feminista foi desafiador. A equipe como um todo, ou seja, todas as pessoas que participaram do processo de tradução, revisão técnica e especializada, adaptação e revisão gramatical passaram por aprendizados constantes. Usar uma linguagem inclusiva em uma sociedade que registrou, em 2021, um estupro a cada 10 minutos e um feminicídio a cada 7 horas<sup>8</sup>, é tanto uma “provocação” aos padrões misóginos, com o intuito de mostrar novos caminhos, quanto uma nova experiência, permitindo assim um certo “reaprendizado” do modo de escrever e perceber a abordagem da língua.

Durante as reuniões da equipe, ficou acordado que não se usaria o masculino genérico quando o texto original em inglês não tivesse uma marcação de gênero, já que esse uso só ajudaria a reforçar os padrões enraizados na sociedade patriarcal. Como em “*doctor*”, “*individual*”, “*technician*” e “*clinician*”, que foram traduzidos para “profissional da área da saúde”, “pessoa”, “equipe técnica” e “especialista” e não para “médico”, “indivíduo”, “técnico” e “clínico”.

A ideia, tão discutida atualmente, de usar uma estratégia de neutralização do gênero gramatical por meio do uso de “-e”, “-x” ou “-@” foi descartada. Isso aconteceu, pois essa abordagem possui algumas limitações que podem até prejudicar na leitura e no entendimento do texto, limitando a disseminação do conhecimento. Além disso, outra estratégia descartada foi a de usar apenas o feminino no texto inteiro, como defende Lotbinière-Harwood (1989). Essa estratégia poderia causar problemas na leitura e na compreensão do texto, até mesmo por ser uma opção pouco usual. Outra opção descartada foi a de usar “/” ou “( )”, como em: “médico/a” ou “médico(a)”, em razão de essa posição ainda trazer consigo uma marcação prioritária do masculino.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-feminicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>. Acesso em: 17 jul. 2022

Sendo assim, a equipe optou por usar a estratégia de modificar estruturas e usar termos que representassem as mulheres e os homens de forma mais igualitária. Com o uso de hiperônimos, como em “*medical experts*”, que apareceu durante todo o livro, e foi traduzido para “especialistas da saúde” ou “profissionais da área da saúde, sem o uso dos artigos “os” ou “as” para não marcar o gênero. Em alguns casos, a equipe utilizou apenas o feminino, em pontos estratégicos, para causar um maior grau de identificação com a leitora, como em “*a way of experiencing and giving pleasure to ourselves and others*” traduzido como “um jeito de dar prazer a nós mesmas e a outras pessoas”<sup>9</sup>.

Além disso, ficou acordado que diferentes estratégias poderiam ser usadas de acordo com cada capítulo, a depender do tema abordado por ele. Dessa forma, nas vezes em que era necessário usar o feminino e o masculino, a equipe usava “médica e médico”, por exemplo, sempre colocando o feminino em primeiro lugar. Também se buscou usar uma linguagem coloquial que abrangesse mulheres de várias etnias e classes, assim como a comunidade LGBTQ+. Vale ressaltar que essa linguagem coloquial vai de acordo com as traduções já feitas do OBOS para outras línguas e realidades ao redor do mundo.

Ao longo do processo, a equipe usou diversas estratégias estudadas nos textos teóricos. A título de exemplo:

*Most of us **who experience or are assigned a female gender** learn at a young age that we are supposed to make ourselves beautiful and sexy in order to become objects of (boys’) desire—but not to enjoy our bodies, not to have desires ourselves.*

A maioria de nós **que nascemos com o gênero feminino (ou na hora do nascimento temos o gênero determinado como feminino)** aprendemos, ainda crianças, que devemos ficar bonitas e sexy para assim podermos nos tornar objetos de desejo (masculino) – mas não devemos apreciar nossos corpos ou ter desejos próprios.<sup>10</sup>

Nesse excerto, usou-se a suplementação por meio de parênteses vista em Pas e Zaborowska (2017). A informação que está entre parênteses foi colocada para incluir pessoas trans e explicar o trecho “*or are assigned a female gender*”, pois era

<sup>9</sup> Exemplo extraído do capítulo “Influências sociais na sexualidade”, traduzido por Pérola Farias e Ana Beatriz Brito. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por Rodrigo Borba. Os grifos de todos os exemplos são nossos.

<sup>10</sup> Exemplo extraído do capítulo “Influências sociais na sexualidade”, traduzido por Pérola Farias e Ana Beatriz Brito. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por Rodrigo Borba.

importante fazer a diferenciação entre sexo biológico e construção social de gênero. Além da suplementação com o uso de parêntese, fez-se o uso de notas para esclarecer informações, como em:

**“QUEERING BLACK FEMALE HETEROSEXUALITY”**

*From Kimberly Springer’s essay in “Yes Means Yes: Visions of Female Sexual Power and a World Without Rape”, “Queering” as a verb, explains Springer, is a way of doing and being that recognizes the spectrum of sexuality. [...]*

*The culture that’s embedded in these subtle and not-so-subtle passing judgments tries to take away my right to say yes to sex by making me feel like if I do, I’m giving in to centuries of stereotypes of the sexually lascivious black woman. **Queering black female sexuality** would mean straight black women need to: 1. Come out as black women who enjoy sex and find it pleasurable. 2. Protest the stereotypes of black female sexuality that do not reflect our experience.*

**“PROBLEMATIZANDO A HETEROSSEXUALIDADE DA MULHER NEGRA”**

No ensaio de Kimberly Springler, em “Yes Means Yes: Visions of Female Sexual Power and a World Without Rape” (“Sim é sim! Visões do poder sexual feminino e um mundo sem estupro”), **queerizar (como ação)** é um jeito de fazer e ser que reconhece o espectro da sexualidade [...]

A cultura que está entranhada nesses julgamentos sutis e não tão sutis tenta tirar meu direito de dizer sim para o sexo, me fazendo sentir que se eu falar sim, estou me rendendo a séculos de estereótipos da mulher negra sexualizada. **Queerizar a sexualidade da mulher negra** significaria que mulheres negras precisam: 1. “Sair do armário” como mulheres negras que gostam de fazer sexo e sentem prazer. 2. Denunciar os estereótipos da sexualidade da mulher negra que não refletem nossa experiência.

**Nota:** No texto em inglês, lê-se “*Queering Black female heterosexuality*”. Como substantivo, *queer* pode ser traduzido por estranho, bizarro, fora do lugar. Como verbo, refere-se ao ato de tornar estranho, estranhar, problematizar ou questionar formas instituídas de normalidade como, por exemplo, a heterossexualidade. Também serve como termo guarda-chuva para se referir a gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e intersexo.<sup>11</sup>

Essa nota foi feita pelo Professor Doutor Rodrigo Borba, especialista na área da Linguística *Queer*. Vale ressaltar que, de acordo com o especialista, a palavra *queer* possui “múltiplas camadas de significado e que, por isso, fazem com que sua tradução para o português seja uma tarefa difícil.” (LAU; BORBA, 2019, p. 10). Portanto, o uso de nota explicativa se torna importante para atingir até as pessoas que não tem conhecimento sobre questões identitárias. Além disso, a tradução de “*black female*” ou, em outros casos recorrentes durante o livro de “*women of color*”, para “mulher negra” se deu através de pesquisas sobre a teoria feminista negra

<sup>11</sup> Exemplos extraídos do capítulo “Influências sociais na sexualidade”, traduzido por Pérola Farias e Ana Beatriz Brito. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por Rodrigo Borba.

(NASCIMENTO, 2017) e o termo “mulher negra” foi o mais adequado, além de ser o termo usado, nesse contexto, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ademais, em

*The perception of body image for those of us who are lesbian is further complicated. Those of us who choose more **masculine markers** may feel pressure to be more feminine [...].*

A percepção da imagem corporal para aquelas de nós que são lésbicas é ainda mais complicada. Nós, que escolhemos **características visuais mais masculinas ou sem gênero**, podemos nos sentir pressionadas a ser mais femininas [...] <sup>12</sup>

há o acréscimo de informações para atingir uma abordagem mais inclusiva, uma vez que notas da tradução e adaptação e o acréscimo de informações podem ajudar a facilitar o processo de leitura. Outra estratégia utilizada, presente no *Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende* (2014), foi a de usar a palavra “pessoas”, tal como foi feito em “*Using them avoids singling out **those who are transgender***” para “Ao usá-los estamos evitando destacar **as pessoas trans**” <sup>13</sup>, ou como em “pessoas com vagina” ou “pessoas com pênis”, não explicitando o gênero biológico da pessoa em questão. Pode-se ver em:

*Birth control is not just a **woman’s issue**. Men benefit from the use of birth control in many ways, including being able to decide when and if they will father a child and being able to protect themselves and **their partners** from sexually transmitted infections.*

Contraceção não é um assunto que diz respeito somente **às pessoas que podem engravidar**. De muitas maneiras, os homens também se beneficiam do uso de métodos contraceptivos, inclusive podendo decidir se e quando querem se tornar pais, além de protegerem a si mesmos e a **pessoa com quem estão** contra infecções sexualmente transmissíveis. <sup>14</sup>

<sup>12</sup> Exemplo extraído do capítulo “Imagem corporal”, traduzido por Giselle Botelho e Maria Carolina Alves. Revisado por Nathália Galvão e Janine Pimentel.

<sup>13</sup> Exemplo extraído do capítulo “Identidade de gênero e orientação sexual”, traduzido por Giulia Gambassi e Debora Zacharias. Revisado por Érica Lima. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por Rodrigo Borba.

<sup>14</sup> Exemplo extraído do capítulo “Métodos contraceptivos”, traduzido por Adriano da Silva, Giulia Bassani, Louise Hélène Pavan e Marcella Wiffler Stefanini. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por

A escolha por “pessoas que podem engravidar” engloba as pessoas trans, o que não aconteceria se traduzisse “*woman*” simplesmente por “mulher”. Outro ponto que é importante de ser notado é o uso de “pessoa com quem estão” para o termo “*partners*”. Vale ressaltar que em outros capítulos e contextos, “*partner*” também foi traduzido para “parceira ou parceiro” ou “parceria sexual”. Considerando o que foi mencionado anteriormente, as estratégias podem variar de acordo com cada assunto do capítulo, o que permanece é o esforço de utilizar uma linguagem feminista e inclusiva.

Um outro exemplo importante de ser mencionado é:

To monitor the long-term safety of all medications and devices, the **FDA** works with **doctors**, clinics, and hospitals around the country to gather information on patient’s serious health problems. If you have a serious health problem that you think may be related to birth control use, report it to your **doctor or clinic**.

Com o objetivo de monitorar a segurança de todos os medicamentos e dispositivos, a **ANVISA** trabalha em conjunto com **profissionais da área da saúde**, clínicas e hospitais espalhados por todo o país para reunir informações a respeito de pacientes que tiveram problemas sérios de saúde. Se você apresenta um problema grave que pode estar relacionado ao uso de contracepção, informe **à sua médica ou à UBS**.<sup>15</sup>

Foram incluídas referências da realidade brasileira: Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e Unidade Básica de Saúde (UBS), uma vez que a agência *Food and Drugs Administration* (FDA) é dos Estados Unidos. Usamos UBS para fazer referência ao nosso sistema público de saúde. Ademais, pode-se ver a tradução de “*doctor*” tanto para “profissionais da área da saúde” quanto para “médica”, retomando a ideia de que a tradução varia de acordo com cada assunto e com cada excerto.

A equipe do projeto OBOS decidiu seguir outra estratégia apresentada em Pas e Zaborowska (2017), a saber o uso de materiais paratextuais. Desse modo, *Nossos Corpos por Nós Mesmas* contou com prefácios elaborados pela equipe de tradução,

---

Bruna Novaes, Carla Marques, Joyce Martins, Luiza Cadioli, Mariana Villiger e Nathália Cardoso, médicas do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde.

<sup>15</sup> Exemplo extraído do capítulo “Métodos contraceptivos”, traduzido por Adriano da Silva, Giulia Bassani, Louise Hélène Pavan e Marcella Wiffler Stefanini. Revisão técnica e inclusão de conteúdo por Bruna Novaes, Carla Marques, Joyce Martins, Luiza Cadioli, Mariana Villiger e Nathália Cardoso, médicas do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde.

pela equipe do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde e pela equipe da Universidade de São Paulo. O prefácio da equipe de tradução falou sobre a “reflexão acerca da linguagem inclusiva, tanto no que diz respeito ao uso do masculino neutro na língua portuguesa quanto à necessidade de inclusão também de pessoas transgênero na linguagem utilizada por nós” (Prefácio de *Nossos Corpos por Nós Mesmas*, 2021, p. 12). Por fim, o prefácio serviu tanto para preparar a pessoa que irá ler o livro quanto para mostrar a importância do uso de uma abordagem feminista e inclusiva feita pelas tradutoras do livro.

Torna-se perceptível o papel da tradução na reflexão sobre a língua e a linguagem, uma vez que foi a partir do texto em inglês, que não costuma marcar o gênero ao utilizar o neutro, que se pensou em alternativas para evitar essa marcação em português. (Prefácio de *Nossos Corpos por Nós Mesmas*, 2021, p.13)

Os prefácios têm como objetivo abrir diálogo e identificação com quem irá ler o livro, posto que falam sobre o problema da sociedade excludente e machista e, dessa maneira, justificam e expõem suas escolhas políticas e ideológicas através da linguagem, fazendo com que leitoras e leitores percebam o processo da tradução e das escolhas tradutórias (FLOTOW, 1991; SIMON, 1996).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta monografia teve o objetivo de trazer reflexões sobre o projeto de tradução e adaptação de uma obra feminista usando uma linguagem inclusiva e feminista. O projeto é extremamente significativo dada a relevância de suas discussões, sendo parte importante dos estudos e vidas das pessoas que integram a equipe e de seu produto material final: o livro *Nossos Corpos por Nós Mesmas*.

É evidente que o caminho a se percorrer para uma maior aceitação e uso de uma linguagem inclusiva e feminista ainda é longo. Padrões tão enraizados na sociedade não são quebrados da noite para o dia. Essas mudanças fazem parte de um processo. Uma parcela da população ainda não conhece, compreende ou concorda com o uso dessa abordagem inclusiva, mas, pode-se ver avanços ao possuímos espaço para discussões e debates acerca do assunto.

As crescentes discussões sobre linguagem inclusiva e feminista são também fruto de uma recente demanda de grupos minoritários da sociedade. Essas pessoas

necessitam de uma maior representatividade e inclusão. Uma forma de incluí-las é por meio da identificação com a obra, trazendo uma sensação de pertencimento ao apresenta-las através dos temas e da linguagem utilizada.

Castro (2013) aponta que ainda é preciso integrar a pesquisa acadêmica na prática de tradução, sobretudo se “esses debates acadêmicos forem para mudar a percepção da tradução e inclusividade de gênero na sociedade em geral” (CASTRO, 2013, p. 54, tradução nossa).

Em conclusão, espera-se que essa abordagem inclusiva na tradução de uma obra tão relevante e informativa em diversos aspectos – seja por falar sobre saúde e sexualidade da mulher de forma aberta e clara, autoestima e até sobre parcerias e sororidade entre mulheres – possa ajudar a pensar em caminhos mais agradáveis e inclusivos para todas as pessoas inseridas na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- CASTRO, Olga. Tradutoras gallegas del siglo XX: reescribiendo la historia de la traducción desde el género y la nación. In: SANTAEMILIA, J.; von FLOTOW, L. (Eds.). *MonTI 3 – Woman and Translation: Geographies, Voices and Identities*. San Vicente del Raspeig: Espagrafic, 2011. p. 107-130.
- CASTRO, Olga. Talking at cross-purposes? The missing link between feminist linguistics and translation studies. *Gender and Language*, vol. 7, n. 1, 2013, p. 35-58.
- CASTRO, Olga. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. *TradTerm*, vol. 29, n. julho/2017, p. 216-250.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. *Feminist Translation Studies. Local and Transnational Perspectives*. Londres/Nova York: Routledge, 2017.
- CASTRO, Olga; ERGUN, Emek. Translation and Feminism. In: EVANS, J.; FERNANDEZ, F. (orgs.), *The Routledge Handbook of Translation and Politics*. Londres/Nova York: Routledge, 2018, p. 125-143.
- CERINEU, Camila; FERENZINI, Laís; PIMENTEL, Janine. Traduzindo o feminismo em Nossos corpos por nós mesmas. *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada*, Rio de Janeiro, ano 2021, v. 2, ed. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rila/article/view/45270/24336>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- CHAMBERLAIN, Lori. Gender and the Metaphorics of Translation. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, vol. XIII, n. 3, 1988, p. 454-472.
- COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE. *Nossos corpos por nós mesmas*. Coordenação da tradução de Érica Lima e Janine Pimentel. 1ª. ed. J. Casa Literária, 2021.
- COSTA, Pâmela; AMORIM, Lauro. Além das tradutoras canadenses: práticas feministas de tradução ontem e hoje. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), [S. l.], v. 48, n. 3, p. 1227–1247, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i3.2331. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2331>. Acesso em: 10 jun. 2022.
- DAVIS, Kathy. *The making of Our Bodies, Ourselves: How feminism travels across borders*. Durham and London: Duke University Press, 2007.
- ERGUN, Emek. *Feminist translation and feminist sociolinguistics in dialogue: A multi-layered analysis of linguistic gender constructions in and across English and Turkish*. *Gender and Language*, v. 7, n. 1, 2013, p. 13-33.
- GODARD, Barbara. Preface. In: BROSSARD, Nicole (ed). *Lovhers*. Montreal: Guernica, 1986, p. 7-12.
- LAU, Heliton Diego; BORBA, Rodrigo. Conhecendo a Linguística Queer: Entrevista com Rodrigo Borba. *Revista X*, [S.l.], v. 14, n. 4, p. 8-19, set. 2019. ISSN 1980-0614.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66070/39456>>. Acesso em: 20 jul. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v14i4.66070>.

de LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. About the her in other. In: Gauvin, L. *Letters from an Other*. Toronto: The Women's Press, 1989.

de LOTBINIÈRE-HARWOOD, Susanne. *Re-belle et infidèle: la traduction comme pratique de réécriture au féminin*. The Body Bilingual: Translation as a Rewriting in the Feminine. Montreal: Women's Press, 1991.

MORINAKA, Eliza. *Tradução como política: escritores e tradutores em tempos de guerra (1943-1947)*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2020.

NASCIMENTO, Tatiana. Quem nomeou essas mulheres “De cor”? Políticas feministas de tradução que mal dão conta das sujeitas negras traduzidas. *Translatio*, Porto Alegre, v. 1, n. 13, p. 127 -142, jun./nov. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/71586/42047>. Acesso em: 18 jun. 2022.

PAS, Justine; ZABOROWSKA, Magdalena. The Other Women's Lives: translation strategies in the global feminisms project. In: CASTRO, Olga; ERGUN, Emek (eds). *Feminist Translation Studies. Local and Transnational Perspectives*. Londres/Nova York: Routledge, 2017, p. 139-150.

PESSOTTO, Ana Lucia. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. *Revista Ártemis*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 160–178, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8214.2019v28n1.41827. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41827>. Acesso em: 19 jun. 2022.

PIMENTA, Ticiano; FIGUEIREDO, Maria Flávia. Masculino, feminino ou neutro? A prática tradutória e as questões de gênero. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 37–55, 2019. DOI: 10.26512/rhla.v18i1.25016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/25016>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ROBINSON, Douglas. *The translator's Turn*. Baltimore e Londres: The Johns Hopkins University Press, 1991.

SIMON, Sherry. *Gender in Translation*. Londres: Routledge, 1996.

SOUZA, José. Teorias da tradução: Uma visão integrada. *Revista de Letras*, v. 1, n. 20, p. 11, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2115/1594>. Acesso em: 10 jul. 2022.

TOLEDO, Leslie; ROCHA, Maria; DERMMAM, Marina; et al (Org.). *Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz bem se entende*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014. Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod\\_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf). Acesso em: 19 jun. 2022.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility*. A History of Translation. Londres: Routledge, 1995.

von FLOTOW, Luise. Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories. *TTR: Traduction, Terminologie et Redaction*, vol. 42, s.n., 1991, p. 69-84.

von FLOTOW, Luise. Gender in Translation. In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Luc van (eds). *Handbook of Translation Studies*. v. 1, p. 129-133. 2010.

WAQUIL, Marina. A voz do tradutor no texto traduzido: a subjetividade apontada nas notas. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 73–92, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23093>. Acesso em: 15 jul. 2022.